

## MEMÓRIA: fonte inesgotável da história <sup>1</sup>

Elisângela Maria Ricardo

Mestranda do Curso Interdisciplinar em Humanidades - UNILAB

Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco

Doutor em Educação Brasileira – UFC

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB – e-mail: proppg@unilab.edu.br*

**Resumo:** Este texto compreende parte da análise bibliográfica sobre história oral e memória que será utilizada como aporte metodológico a compreensão de nosso objeto de pesquisa que culminará na dissertação do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB. A qual faremos o cruzamento entre o 1º Inquérito da Subversão Militar em Parnaíba – PI, BNM nº 349 com cerca de duas mil páginas, que consta o interrogatório de trinta e quatro pessoas, em sua maioria sindicalistas e estudantes, considerados subversivos e a história oral de alguns destes sujeitos, devolvendo-lhes o direito de ter sua contribuição nos relatos históricos, assim como está intrínseca em suas memórias, o período da ditadura civil militar brasileira (1964-1985). Para tanto nos embasamos em Le Goff (1990), Ecléa Bosi (2003), Thompson (1992) Portelli (1997) e Ricouer (2003), que contribuíram consideravelmente para alargar nossos conhecimentos sobre a elaboração de trabalhos que valorizem e ressaltem a memória, e a história oral.

**Palavras-Chave:** Memória. História Oral. Ditadura Civil Militar.

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto compreende uma pequena parte de uma análise bibliográfica sobre história oral e memória que será utilizada como aporte metodológico a compreensão de nosso objeto de pesquisa que será desenvolvido e culminará na dissertação do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB a qual sou discente. Nesse sentido é importante destacar que nossa pesquisa compreende a análise do 1º Inquérito da Subversão Militar em Parnaíba – PI processo crime contra o Estado e a Ordem Política e Social, instaurado após o golpe civil militar que ocorreu no Brasil entre os anos de 1964 a 1985, mediante as pistas e vestígios deixados a margem da história oficial contada pela classe dominante, e o resgate da história oral dos investigados por subversão, suprimida na história oficial. Para averiguar o que levou estudantes e sindicalistas serem considerados subversivos, pois, acreditamos que existem inúmeros casos omissos de sonegação de direitos, ocorridos naquela época, que foram mascarados pelos poderes ditatoriais e por esse motivo, sentimos a necessidade de aprofundar os debates em torno desta temática.

Neste breve resumo expandido, destacamos autores que tratam sobre a importância da efetivação da memória, a um povo que ficou a margem da história oficial. Nossa pesquisa é um

---

<sup>1</sup> Referente ao Projeto de Pesquisa intitulado **DITADURA CIVIL MILITAR NO PIAUÍ:** Análise do 1º Inquérito sobre a Subversão Militar em Parnaíba/PI do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

bom exemplo dessa supremacia classista nas narrativas oficiais, pois, mediante o 1º IPM documento oficial dos poderes hegemônicos, tudo que era contrário a este poder, foi suprimido de suas páginas. Portanto, acreditamos que uma pesquisa que faça o cruzamento das fontes orais e escrita, pode contribuir sobremaneira ao resgate das memórias de um povo, que mesmo não sendo oficialmente lembrado, foi perseguido, torturado, morto, pelas implicações do regime civil militar.

Nesse sentido, as pesquisas que compreendem a história oral são deveras válidas para fazer jus às narrativas que foram esquecidas no decorrer do tempo pela história oficial. Na contemporaneidade, muitos autores sustentam a importância de rever a história contada pelas elites sociais, aliando as narrativas de um povo que vivenciou os acontecimentos, para contrapor estas idéias e ideais e reescrever a história abrangendo e dando direito aos oprimidos de fazerem parte e se identificarem na própria história.

Portanto, para aprofundamento da temática, nos apoiaremos nos pressupostos de autores como Le Goff (1990), Ecléa Bosi (2003), Thompson (1992) Portelli (1997) e Ricouer (2003) porque acreditamos que estes podem contribuir consideravelmente para alargar nossos conhecimentos sobre a elaboração de trabalhos que valorizem e ressaltem a memória, consequentemente a história oral de um povo.

## **2. MEMÓRIA**

Por um longo período a história foi contada apenas pelas nuances e impressões das camadas superiores da sociedade. As escolas e as mídias, meio de reprodução dessas narrativas, foram utilizadas para construção de uma memória coletiva, fazendo com que pessoas que vivenciaram muitas cenas cotidianas passassem a descrever os fatos a partir do que lhes foi sugerido e não verdadeiramente como ocorreu de fato. Suas impressões foram relegadas a mercê de uma classe dirigente que cooptou e sujeitou a seu bel prazer à memória de um povo.

Subordinados aos desígnios das elites, a classe oprimida que teve sua história contada por aqueles que não conhecem de fato sua realidade, tem apenas a memória como pressuposto de tudo que viveu. Condicionada pela ação do tempo e as circunstâncias da vida essa memória vai se tornando cada dia mais enfraquecida e adepta das versões hegemônicas da história a estes impostas. Para Le Goff (1990) a memória tem como propriedade conservar informações guardadas em nossas funções psíquicas na qual podemos recorrer para atualizar impressões e lembrar informações passadas. Esse poder de reter dentro de si um numeroso contingente de lembranças faz do homem

um ser único, que pode narrar os fatos com precisão de detalhes e fazer com que suas lembranças se tornem vivas para todos aqueles que o escutam.

Diante da memória está o esquecimento, causado por problemas psíquicos ou pelo jogo de poder entre as sociedades. Aqueles que possuem o poder manipulam as histórias passada, transformando a memória de um povo a meras recordações de algo que viveram, porém é como se não tivesse vivido. Sua memória, lembra a história como os livros contam, falta os detalhes tão pertinentes que a tornam vivas e significativas. Le Goff (1990) ressalta que:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426).

Não basta aos poderes hegemônicos manipular o mundo do trabalho, mediante os meios de produção, submetendo os trabalhadores a um sistema desumano que não lhes permitem serem homens livres, a sua memória também é alvo de disputa. A guerra pelo poder faz com que a classe oprimida seja ainda mais submetida ao esquecimento social, relegada a viver a margem da história oficial, mesmo sendo parte integrante e muitas vezes a própria criadora da história.

Nesse sentido, Bosi (2003, p. 15) ressalta que “a história que se apóia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. Muitos pesquisadores se acostumaram a utilizar apenas os documentos oficiais como análise de suas pesquisas, mas quando estes documentos envolvem seres humanos é possível fazer um link entre as narrativas oficiais com o relato oral daqueles que fizeram parte do ocorrido. Dessa maneira as pesquisas se tornam ricas e muito mais precisas. Muitos documentos oficiais suprimem informações, por isso a necessidade de contrapor as fontes. “Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana.” (BOSI, 2003, p. 19-20) No entanto, é importante que o pesquisador esteja atento aos relatos orais, para que não caia no engodo da memória coletiva.

Diante dos argumentos de Bosi, sobre a importância de incorporar as fontes orais com as fontes escritas, ressaltamos que nossa pesquisa compreende o cruzamento entre a fonte escrita, a saber o 1º Inquérito da Subversão Militar em Parnaíba – PI, BNM nº 349 com cerca de duas mil páginas, na qual consta o interrogatório de trinta e quatro pessoas, em sua maioria sindicalistas e estudantes, considerados subversivos. Disponível para análise no acervo digital do Projeto Brasil

Nunca Mais –BNM <http://www.prr3.mpf.gov.br/bnmdigital/>. Vale ressaltar que esse processo foi instaurado na cidade de Parnaíba litoral do Piauí em abril de 1964, antes mesmo da capital do estado, Teresina.

## 2.1 História Oral

Paul Ricouer (2003) enfatiza que a memória é a própria reapropriação do passado e não somente a matriz da história. Para este autor a memória é o que nos assegura que alguma coisa de fato aconteceu, podendo assim recontar as coisas do passado mediante o testemunho, lembrando sobretudo que há nesse contexto, o esquecimento como uma condição histórica de todos os seres humanos, por isso a necessidade de publicar a memória de um povo mediante a história oral.

Mas para que a história oral seja efetivamente expressiva ao meio científico, as pesquisas devem ser efetuadas por pesquisadores comprometidos, que compreendem a importância da memória na construção da história para além das imposições dos poderes hegemônicos e todas as variações no discurso de suas fontes, lembrando que estão sobrepujadas pelo meio em que vivem, para que seus dados realmente venham colaborar para uma análise profunda e significativa, contrapondo as fontes escritas oficiais com as entrevistas de sujeitos que vivenciaram determinado acontecimento histórico social.

Neste contexto, Thompson (1992) enfatiza sobre a importância da história oral como uma metodologia utilizada para escrever a história nos dias atuais. Discutindo os conteúdos do passado, nos apropriando das representações que os indivíduos fazem deste passado, mediante suas narrativas. Assim democratizamos a possibilidade de outras pessoas que não são historiadores a escreverem a história, que está intrinsecamente relacionada à memória.

Thompson (1992) ressalta que quando trabalhamos apenas com os documentos, escrevemos os fatos neles destacados, sem saber quem são os sujeitos envolvidos, suas percepções e visão do ocorrido. Amparados somente na descrição elaborada pelos poderes hegemônicos. Mediante a história oral podemos lidar com as emoções de várias pessoas, não apenas de um determinado grupo. Podemos observar a manifestação de sua subjetividade, processo de construção dos indivíduos na interação histórica, com sua própria história de vida.

As pessoas constroem as narrativas permeadas por suas próprias vivências, relações econômicas, sociais, religiosas, de acordo com seu lugar na história, no mundo. Essa subjetividade muitas vezes é também condicionada pela imposição de uma organização econômica mundial que impinge nas pessoas uma vontade que não é a sua. Por isso os pesquisadores devem compreender

de onde estas pessoas estão falando, considerando sua subjetividade e todas as nuances que permeiam suas narrativas. Nesse sentido Thompson (1992) reforça sobre a necessidade de se fazer uma entrevista bem estruturada e comprometida com a ciência. Para isso ressalta a importância do pesquisador desenvolver uma variedade de métodos de entrevista acordados com sua própria personalidade, mediante perguntas relevantes, utilizando termos técnicos que podem levar o entrevistado a lembrar os fatos mais obscuros e significantes à pesquisa.

Para Thompson (1992), uma boa entrevista gira em torno do preparo e muita dedicação do pesquisador. É necessário que este se disponha a estudar, ler muito a respeito do assunto que será abordado e principalmente conhecer aspectos relevantes da vida do entrevistado, pois isso facilitará o diálogo e propiciará a instauração de respeito mútuo e confiança, tão necessários para que a entrevista seja realmente satisfatória. Além disso, a entrevista deve ser realizada em ambiente calmo, sem barulho paralelo, com perguntas pertinentes cuidadosamente elaboradas, em tom de conversa amigável, para que ambos se sintam a vontade. O pesquisador deve ter flexibilidade, ou melhor, dizendo, sensibilidade para se envolver nos caminhos que a pessoa está direcionando suas palavras sem perder o foco do que realmente está querendo compreender naquela narrativa.

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista (THOMPSON, 1992, p. 258).

Porém, uma boa entrevista não pode ser completamente livre, deve haver um norte a seguir. O pesquisador deve ao menos fazer uma pergunta inicial e deixar com que seu interlocutor responda livremente, sem interrupções desnecessárias. No decorrer da entrevista, ao passo que vai surgindo fatos pertinentes, pode fazer outras perguntas para aprofundar as questões ou lembrar acontecimentos que antes ainda não haviam sido abordados na fala do entrevistado.

Thompson (1992) também ressalta a importância de pesquisadores humanizados, que são sensíveis as histórias que lhes são contadas. Não podemos abordar as pessoas de forma apática, insensíveis. Um bom pesquisador, antes de tudo é um estudioso, que compreende e se prepara para dialogar com sujeitos de classes diversificada, idéias, ideais e costumes distintos dos seus e mesmo assim respeitar sua fonte oral. Um entrevistador que compreende essas variáveis pode aprofundar as generalizações estereotipadas, chegando a um detalhamento profundo dos episódios a ele narrados.

É nesse sentido que queremos abordar nossas fontes, ancorados mediante uma entrevista humanizada, livre, mas não totalmente solta, com perguntas pertinentes que possam nos levar a compreensão de nosso objeto em suas particularidades profundas, que o faz pertinente a sociedade em que vivemos. Sobretudo respeitando nossas fontes no seu relato dos fatos vivenciados durante o período da ditadura civil militar.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que abordamos compreendemos que a memória é uma fonte inesgotável da história. Ela pode e deve ser utilizada como um mecanismo crucial para contrapor os documentos oficiais quanto sua veracidade, pois, através da memória de um povo de uma sociedade é possível validar a história e recontá-la abordando não somente as nuances do poder hegemônico, mas dando voz aos oprimidos que também fazem parte da história, mas estiveram sujeitos ao esquecimento durante quase toda história oficial.

Ao utilizar a história oral como fonte metodológica, poderemos obter respostas a vários questionamentos que a história oficial não conseguiu responder. Por isso acreditamos que a história oral daqueles que foram investigados no 1º IPM de Parnaíba-PI será uma ferramenta que possibilitará ampliar o conhecimento científico sobre o período da ditadura. Portanto, ressaltamos que deve ter sua validade reconhecida e assegurada no meio acadêmico, como sendo um suporte a mais na investigação de certo documento histórico. Por isso pode ser utilizada por quem pretenda fazer o cruzamento entre as fontes e assim aprofundar a análise de documentos oficiais, para que a parte suprimida na história também seja explanada.

### 4. REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia. São Paulo: Ed. Atelie Editorial, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e Significado na História Oral**: a pesquisa como um experimento em igualdade. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Ver. Dea Rbeiro Fenelon. In: Proj. História, São Paulo, 1997.

RICOEUR, Paul. **Memória, História, Esquecimento**. Conferencia Internacional “ Haunting Memories? Budapeste, 2003.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

